

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo Class.: Pantanal 06

Data: 20/12/87 Pg.: \_\_\_\_\_

# O plantio incorreto da soja afeta Pantanal

Do correspondente de Campo Grande

Moraes Cipola

A forma incorreta pela qual se está realizando a monocultura da soja, iniciada há 15 anos na região norte do Mato Grosso do Sul, está matando o Pantanal Mato-Grossense, segundo o secretário do Meio Ambiente do Estado, Harri Amorim Costa, 60. O desrespeito dos agricultores à capacidade do solo e às técnicas de manejo, além da devastação das matas ciliares, provocaram o assoreamento do rio Taquari e, com ele, o despejo mensal de 30 mil toneladas mensais de terra na região — o equivalente a dois caminhões Scania carregados.

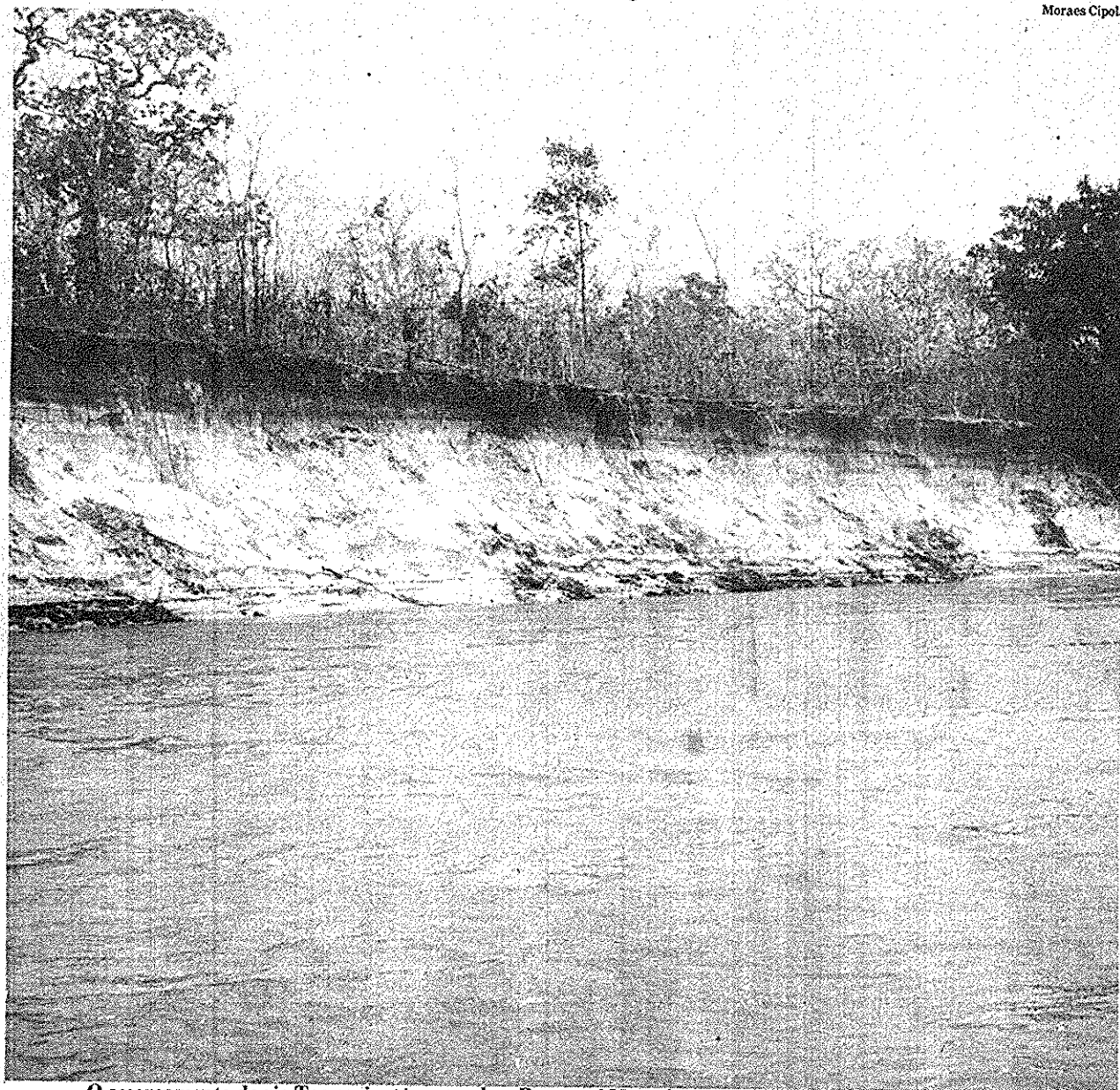
Segundo o secretário, somados, o assoreamento e a queda da qualidade de água do Taquari pela descarga de agrotóxicos já provocaram uma redução de 50% na movimentação dos peixes à procura da cabeceira do rio, para reprodução (piracema). "O peixe é o principal elo do ecossistema pantaneiro porque é o alimento natural de toda a fauna da região. Por isso digo que o Pantanal está começando a morrer pelo Taquari", afirmou. A conclusão do secretário se tornou mais preocupante após a contatação de técnicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da própria Secretaria de Meio Ambiente (Sema), de que o Pantanal possui apenas dois 'úteros' para a reprodução dos peixes.

O principal deles é o próprio Taquari, que, por cortar uma região de Planalto desde a sua nascente em Goiás, é procurado pela piracema dos agéis peixes de escama — a base alimentar da fauna pantaneira. Os peixes de couro (jaús, pintados, etc) preferem as águas calmas da região sudoeste de Mato Grosso, onde o rio São Lourenço se une ao rio Cuiabá.

A impossibilidade dos peixes rumarem Taquari acima, na piracema, está causando um "desastre ecológico sem dimensões", afirma Nilson de Barros, 34, chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (CPAP), órgão da Embrapa sediado em Corumbá (município 450 km a oeste de Campo Grande-MS). Ele acrescenta que os peixes não subindo o Taquari, são forçados a desovarem no rio Paraguai ou mesmo nos pequenos rios que formam a Bacia Pantaneira. "Essa desova é infrutífera, porque os predadores naturais das ovas e dos alevinos, como as piranhas, nos limites do Pantanal, não deixam probabilidade de ampliação das espécies", disse.

Estudos do CPAP apontam que o volume de terra que chega com as águas do Taquari no Pantanal é de 30 mil toneladas por mês. Já com a calha (leito) totalmente assoreada e em processo crescente de acúmulo de areia em bancos, as águas do Taquari espalham-se campo adentro deixando 400 mil hectares de fazendas pantaneiras permanentemente submersos. Desde 30 quilômetros de sua foz com o rio Paraguai, a perto de 15 quilômetros de Corumbá.

Como se não bastasse a transfor-



O assoreamento do rio Taquari está matando o Pantanal Mato-Grossense, segundo o secretário do Sema

mação provocada pelo homem na função ecológica do Rio Taquari, ele perdeu também sua função social de canal escoador da produção de uma região com 1.500 propriedades rurais. E também de caminho único para a compra de remédios e mantimentos da região conhecida como Nhecolândia. O vice-presidente do Sindicato Rural de Campo Grande e membro da Sociedade de Defesa do Pantanal (Sodepan), Elias Kassar, 52, conta que há dez anos circulavam pelo Taquari embarcações com até cem toneladas.

"Agora nem mesmo botes a motor passam por essa área", diz Paulo Cesar Gomes da Silva, 33, chefe da administração da Hidrovia do Paraguai da Portobrás. Na próxima segunda-feira serão iniciados os trabalhos de dragagem do Taquari, para que pelo menos embarcações de transporte de colonos possam circular. Há dois meses a draga da Portobrás está inerte em Corumbá. Segundo Kassar, o Sindicato Rural

foi obrigado a comprar uma tubulação complementar, no valor de Cz\$ 1 milhão, para apressar a dragagem do rio.

Parte dessa área de 400 mil hectares que está inundada há oito anos era habitada por pequenos produtores de banana que se transformaram em coureiros. Alfredo Zamliutti Junior, 46, outro membro da Sodepan (entidade que congrega dois mil fazendeiros ecologistas e que chegou a interromper a realização do Rallie Transpantaneiro, em junho passado, por considerá-lo depredador da natureza) conta que, além de ter perdido 4,5 mil hectares de sua propriedade que estão inundados devido o assoreamento do Taquari, está perdendo os jacarés de sua fazenda. "Esse crime ecológico, que transformou meu campo em areia, transformou também os pobres ex-agricultores em coureiros. Eles foram obrigados a encontrar essa forma rentável de vida, porém mais arriscada", disse Zamliutti.

A única saída para o renascimento do rio Taquari e a obstrução do processo paulatino de morte do Pantanal, segundo o engenheiro florestal da Sema, Ivan Baptiston, 28, está na conscientização dos agricultores da região do planalto. Segundo ele, desde agosto, técnicos da Secretaria estão proferindo palestras nas sedes dos sindicatos rurais dos municípios da região norte do Estado, solicitando que não se plante a 30 metros do leito dos rios, que façam terraceamento e curvas-de-nível na área agricultável.

Segundo Baptiston, em três anos a Sema pretende reflorestar 650 mil quilômetros quadrados da área que era ocupada pelas matas ciliares. "Com os agricultores fazendo o devido manejo do solo e com o reflorestamento, grande parte da terra e do agrotóxico que hoje entra no rio ficará retido no planalto. Isso levará à obstrução do processo de poluição do rio que tende a marchar para o renascimento", acredita ele.